



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

XX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE
EDUCAÇÃO/2006

Educação musical: uma prática pedagógica fundamental para crianças portadoras de necessidades especiais

Mercedes Solá Pérez¹, Universidade Federal do Paraná

Patricia Baliski² Universidade Federal do Paraná

Professora Ms. Eliane C. Alves Precoma³, Universidade Federal do Paraná

“Mire e veja: o importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminados, mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou”.

Guimarães Rosa⁴.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem musical, Crianças portadoras de necessidades especiais, Prática pedagógica.

O presente trabalho foi elaborado a partir das reflexões suscitadas no seminário desenvolvido na Disciplina Didática no primeiro semestre de 2006. Realizamos visitas a projetos escolares e não escolares, buscando identificar uma questão para aprofundamento no seminário, nosso grupo escolheu a temática da educação especial e música. O objetivo deste trabalho é compartilhar algumas das reflexões realizadas, assim como oferecer possibilidades de práticas pedagógicas que envolvem a música relacionada à formação humana.

Neste sentido, buscamos identificar a importância da utilização da música como uma linguagem para o desenvolvimento de crianças portadoras de necessidades especiais.

¹ Aluna do Curso de Geografia.

² Aluna do Curso de Geografia.

³ Professora de Didática do Departamento de Teoria e Prática de Ensino

Isto é, considerando as crianças nos seus diversos aspectos psicológicos, físicos, mentais. Nas palavras de Milani (2004, 33):

O desafio mais importante que se coloca perante cada educador e escola no século que se inicia é transcender as funções de transmissão do conhecimento e formação profissional, e passar a **educar o ser humano em sua integralidade, desenvolvendo suas múltiplas dimensões e potencialidades.**⁵

Petraglia (2006) também destaca a necessidade do desenvolvimento do ser humano em toda sua potencialidade:

Quando pensamos agora em uma real formação do indivíduo, queremos acima de tudo desenvolver suas potencialidades. Torná-lo apto a, no futuro, aprender tudo que quiser e precisar, ter a disposição infinitas formas de pensar, sensibilidade para perceber sua relação com os outros e o mundo e vontade de agir e transformar seu meio ambiente. Isto significa que a criança em fase escolar deveria ter a possibilidade de desenvolver as potencialidades de sua alma, sem contudo dar a seus processos uma forma cristalizada e definitiva.

Um dos grandes desafios da educação especial tem sido a procura por métodos e práticas pedagógicas alternativas que mostrem resultados positivos acerca do desenvolvimento de portadores de necessidades especiais. Essa temática torna-se complexa devido a grande diversidade de necessidades existentes de um lado, e as possibilidades reais de se efetivarem algumas práticas, devido à precariedade de recursos financeiros e ao tempo disponível, de outro. Ainda ressalta-se o despreparo por parte de professores que de repente tem em seu grupo de alunos de turma de escolas regulares, uma criança com alguma necessidade especial específica. Assim, o desenvolvimento de práticas ou métodos simples e comuns às várias necessidades especiais existentes favoreceria àquelas instituições e/ou escolas que desenvolvem algum tipo de trabalho, mas que não dispõem de recursos financeiros necessários para desenvolver um programa que possibilite um trabalho mais individualizado.

É necessário ressaltar que métodos e práticas não devem ser iguais para todos os sujeitos, sejam estes portadores de necessidades especiais ou não. Mas o desenvolvimento de certas atividades em que se pode trabalhar de forma menos heterogênea, decorre em uma maior integração entre os sujeitos envolvidos e gera resultados positivos acerca ao desenvolvimento cognitivo, físico e emocional.

⁴ In: BIANCHINI, L; FREIRE, I. M. (org.) Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

⁵ Grifo no original.

Desta forma, uma das alternativas encontradas para as questões citadas é a utilização da música como prática pedagógica, haja vista sua utilização ser socializadora e possível de ser comum às várias necessidades existentes.

Neste trabalho nos propomos conhecer os princípios da educação musical e seus benefícios como prática pedagógica, dando ênfase na educação de crianças portadoras de necessidades especiais. Pois sabemos que elas precisam auxílio para melhorar sua motricidade, potencializar seus sentidos (tato, olfato, visão, audição) e desenvolver a criatividade. Conhecendo as diferentes necessidades das crianças podemos desenvolvê-las com o auxílio da música. Para a execução de práticas pedagógicas com ênfase na linguagem musical podem-se utilizar várias abordagens.

A Música e os Sons no Contexto do Desenvolvimento

Para Benenzon (1985), não é só a música o que se usa como parte do processo de aplicação terapêutica, mas também se utiliza o som em seu aspecto mais amplo da sua concepção e o movimento.

Assim, a utilização de música e/ou sons de forma apropriada permite o desenvolvimento nos vários aspectos. De acordo com Ducourneau (1984), por meio do ritmo e do som, a música atinge a motricidade e a sensorialidade; e, por meio da melodia, atinge a afetividade. Assim, a percepção do corpo, do espaço vivido, faz desabrochar a linguagem; e, reciprocamente, o esquema corporal e o espaço se estruturam graças à linguagem.

Para Gaston (1954) *apud* Ahmed (2005) a música estabelece e restabelece as relações interpessoais. Isto se deve ao fato de que a expressão musical se baseia nos sentimentos, e que se necessita de um completo conjunto de signos para entendê-los. Além do que, a criança se sente útil na dinâmica do grupo; aprende a valorizar o que seus companheiros fazem e a ser valorizada pelo que faz. Também facilita a obtenção da auto-estima mediante a auto-realização, através da satisfação por ter obtido sucesso em determinada atividade.

A música movimenta, mobiliza, e por isso contribui para a transformação e para o desenvolvimento. Desta forma, cada um dos aspectos ou elementos da música corresponde a um aspecto humano específico, ao qual mobiliza com exclusividade ou mais

intensamente: o ritmo musical induz ao movimento corporal; a melodia estimula a afetividade; a ordem ou a estrutura musical contribui ativamente para a afirmação ou para a restauração da ordem mental no ser humano (DUCOURNEAU, 1984; GAINZA, 1982; PILAR, 2003).

Podemos perceber que são vários os benefícios encontrados na utilização da música e dos sons no desenvolvimento dos sujeitos. No entanto, seu sucesso dependerá da forma como é utilizada, pois o uso indevido ou errôneo pode acarretar em um efeito contrário ao desejado. Os fenômenos regressivos, produzidos pelos fenômenos acústicos podem se converter, pelo uso inadequado ou exagerado, no objeto propriamente dito, e, portanto, não cumprir o papel de objeto intermediário, criando desequilíbrios e produzindo ansiedade. Isto ocorre, sobretudo, quando se utilizam os sons de forma passiva (BENENZON, 1985; AHMED, 2005).

A Música e os Sons: Práticas Possíveis

Descrevemos a seguir algumas práticas possíveis de serem realizadas facilmente e que podem ser desempenhadas por crianças com necessidades especiais diversas em situações intencionais de trabalho pedagógico de educadores.

Benenzon (1985) propõe alguns exercícios para crianças com **deficiência mental**, tais como: 1) Utilização do corpo como instrumento: as mãos golpeadas uma contra a outra ou sobre os joelhos, os dedos, os movimentos do corpo inteiro, a marcha, o balanceio de um pé pelo outro (permite à criança a tomada de consciência de seu corpo); 2) Uso da voz: cantarolar sobre uma vogal, utilizar a boca como instrumento de percussão, ruídos feitos com a língua, vibrações com os lábios (deriva numa maior percepção do meio sonoro-melódico e tomada de consciência de seu corpo); 3) Utilização de obras musicais em seu máximo primitivismo (desperta para o impulso rítmico e domínio da percepção); 4) Uso de instrumentos simples como o tambor (usado pela criança: provoca canalização da agressividade para o instrumento; pelo educador: como forma de despertar a atenção e tirar a criança do isolamento).

Para Leinig (1977), a utilização da música para os **deficientes auditivos** consiste em uma série de vibrações que podem transmitir um ritmo correspondente ao ritmo fisiológico. De acordo com esta autora, vários exercícios podem ser realizados: 1) Exercícios

respiratórios: expiração forte e fraca, curta e prolongada, soprar de todas as formas possíveis, respiração ao ritmo da respiração do orientador, expiração afônica, passando paulatinamente para a emissão das vogais (dar condições do deficiente auditivo respirar corretamente); 2) Exercícios de percepção tátil: as crianças colocam as palmas das mãos sobre a tampa de um piano (percepção da vibração do som); 3) Distinção entre sons: distinção entre vozes masculinas e femininas, comparação entre estímulos sonoros, reconhecimento de sons não musicais (estimulação acústica).

Ahmed (2005) propõe atividades de dança e movimentos corporais com crianças com deficiência auditiva, pois assim as mesmas podem exteriorizar-se, sentir seu corpo, sair de seu mundo interior e comunicar-se com o outro, com o grupo, liberando desta maneira suas angústias. Por exemplo, uma das atividades que podem ser desenvolvidas é cantar no ouvido delas, fazendo com que elas coloquem as suas mãos no pescoço de quem canta para sentir a vibração das cordas vocais e da laringe. Também são úteis exercícios com a língua e os lábios frente a um espelho para incentivar a aprender a falar (LÖWE, 1985). Cervellini (1986) faz uma experiência com crianças de quatro anos observando as suas reações, e ao final de todas as sessões ela observa como resultados: uma fala mais rítmica e modulada, maior motricidade, coordenação, equilíbrio e gosto pela música.

Segundo Leinig (1977), a utilização da música para os **deficientes visuais**, poderá expressar a resposta deles à sua maneira, aos elementos mais fundamentais da música, associando-os, por exemplo, o ritmo e a velocidade, a movimentos familiares; o timbre, à sensação de textura e de percepções tácteis, como suavidade, dureza, elasticidade; os contrastes, como frequência do som (agudo e grave), ao efeito auditivo de surpresa ou excitação; à intensidade, à plenitude, ou à distância. Assim, podem ser realizados exercícios, que estão atrelados a alguns objetivos a serem alcançados: 1) Identificação de sons e local de origem dos mesmos: dá equilíbrio e sentido de direção; 2) Cantar ou tocar instrumentos em grupo: incentiva a socialização, a responsabilidade e espírito de cooperação; 3) Identificação com a música: projeta a personalidade.

A partir do trabalho desenvolvido por Augusto (2003) alguns exercícios podem ser utilizados usando-se a música e os sons como forma de desenvolvimento das crianças portadoras da **síndrome de Down**. Desta forma, essa autora propõe alguns exercícios simples, mas que poderão desenvolver as percepções das crianças portadoras dessa

síndrome: 1) Chamar a atenção da criança com ruídos: a princípio esses ruídos devem ser fortes e conforme a criança vai prestando atenção aos mesmos, diminui-se a intensidade (para facilitar a criança a compreender o que está ao seu redor); 2) chamar a atenção da criança com sons onomatopéicos, indicando que estes sons correspondem a coisas concretas da realidade (correlação com o mundo externo e articulação da fala); 3) Utilização de tambores: para variar o ritmo, usando batidas fortes e fracas, rápidas ou lentas, para que a criança marche devagar ou depressa; com outro tambor, a criança, pode imitar o ritmo das batidas (desenvolvimento da atenção auditiva, melhoramento da concentração); 4) Uso de músicas: os adolescentes com síndrome de Down gostam de ouvir músicas (aprendizado de palavras novas).

Percebemos através da descrição de alguns exercícios que muitas atividades podem ser realizadas por um grupo de crianças com necessidades específicas, diversas, ou ainda, estas com aquelas que a princípio não apresentam necessidades especiais, como forma de socialização e conhecimento do outro.

Possibilidades da Educação Musical

Conforme descrito anteriormente, a música tem muitos benefícios para o desenvolvimento de todas as crianças sendo ou não portadoras de necessidades especiais.

Neste contexto a utilização da música e dos sons é considerada como possibilidade para um maior envolvimento dessas crianças com o mundo externo e como meio de desenvolvimento. Tal prática decorre da facilidade de se obter os objetos necessários à sua realização, bem como a simplicidade dos exercícios. Além, da possibilidade de adaptação de um tipo de exercício às várias necessidades.

Desta forma, ressaltamos a importância da pesquisa nesta área como forma de desenvolvermos novas abordagens e conseqüentemente obtermos resultados positivos e satisfatórios. No campo do ensino há a urgente necessidade de enfatizarmos a educação de pessoas com necessidades especiais como objeto de estudos das disciplinas de formação inicial e continuada de professores, como a Didática, e ainda propiciar outros espaços e fóruns de debates e trocas de experiências sobre esta temática, visando cumprir a função social da Universidade, via suas dimensões indissolúveis: ensino, pesquisa e extensão. Consideramos de fundamental relevância e urgência da implementação de políticas

públicas que de fato considerem a criança e o adolescente como sujeitos em desenvolvimento, e no contexto desta discussão, o acesso à educação musical está circunscrito ao direito fundamental à educação integral e à cidadania (E. C. A., 1990).

REFERÊNCIAS

AHMED, Y. M. R. **La musicoterapia en la educación especial**. In: Revista Andaluza de Arte, n. 6, 2º trimestre, 2005. Disponível em <<http://perso.wanadoo.es/>> Acesso em 04 jun. 2006.

AUGUSTO, M.I.C. **As possibilidades de estimulação de portadores da síndrome de down em musicoterapia**. Disponível em: <www.artesdecura.com.br/revista/musicoterapia/artigo_ines.pdf > Acesso em: 20 maio 2006.

AUTISMO. Disponível em: <<http://www.autismo.com.br/site.htm>> Acesso em: 1 ago. 2006.

BENENZON, R.O. **Manual de Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.

CERVELLINI, N. G. H. **A criança deficiente auditiva e suas reações à música**. São Paulo: Moraes, 1986

DUCOURNEAU, G. **Introdução à musicoterapia**. São Paulo: Manole, 1984.

E.C.A. – **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1990.

GAINZA, V. H. de. **Estudos de psicopedagogia musical**. São Paulo: Summus, 1982.

LEINIG, C. E. **Tratado de Musicoterapia**. São Paulo: Sobral, 1977.

LÖWE, A. **Jogos educativos**: para desenvolver a linguagem de crianças deficientes da audição e crianças com retardo de linguagem. Florianópolis: UFSC, 1985.

PETRAGLIA, M. S. **Educação especial**. OuvirAtivo-música para o desenvolvimento humano. Disponível em: <<http://www.ouvirativo.com.br/textos/ed%20b.htm> > Acesso em 29 set. 2006.

PILAR, A.M. **La terapia musical como intervención enfermera**. Disponível em: <<http://www.um.es/eglobal/2/pdf/02e04.pdf>> Acesso em 04 jun. 2006.

SÍNDROME de Down, ABC da saúde Disponível em: <<http://www.abcdasaude.com.br/artigo.php?393>> Acesso em: 1 ago. 2006.

SOCIEDADE de assistência aos cegos. Disponível em: <www.sac.org.br> Acesso em: 1 ago. 2006.